

NO MAR

Se soubesse cantar alguma coisa cantaria "O Ebrio", de Vicente Celestino. "Tornei-me um ébrio..."

Um grande cansaço pesava em todo seu corpo, por onde a água escorria. Fechou o chuveiro, começou a se enxugar lentamente. Quando foi se vestir, a porta do armário estava aberta, a que tem o espelho dentro, e ele se viu nu. Achou-se branco, detestavelmente branco como um europeu, sentiu-se meio gordo e mole. Há quanto tempo não tomava um banho de mar!

Odiou, de repente, sua vida de trabalho e de bar, vivida quase toda sob a luz artificial. Tinha mil coisas a fazer na cidade; precisava ir ao escritório daquele sujeito, telefonar para quatro ou cinco pessoas, providenciar aqueles papéis.

O telefone bateu. Ia atender, mas sentiu que se atendesse ficaria preso — preso àquele fio negro, aos compromissos, às salas dos edifícios do centro, à vida de todo dia. O telefone ainda tocava quando ele saiu. O sol era leve. Comprou três mexericas, saltou para a praia, esticou-se na areia, de bruços, os olhos sobre um braço, recebendo nas costas o calor do sol. Dentro de sua cabeça ainda giravam conversas e músicas da madrugada, rostos de mulher, encrenchas de negócios.

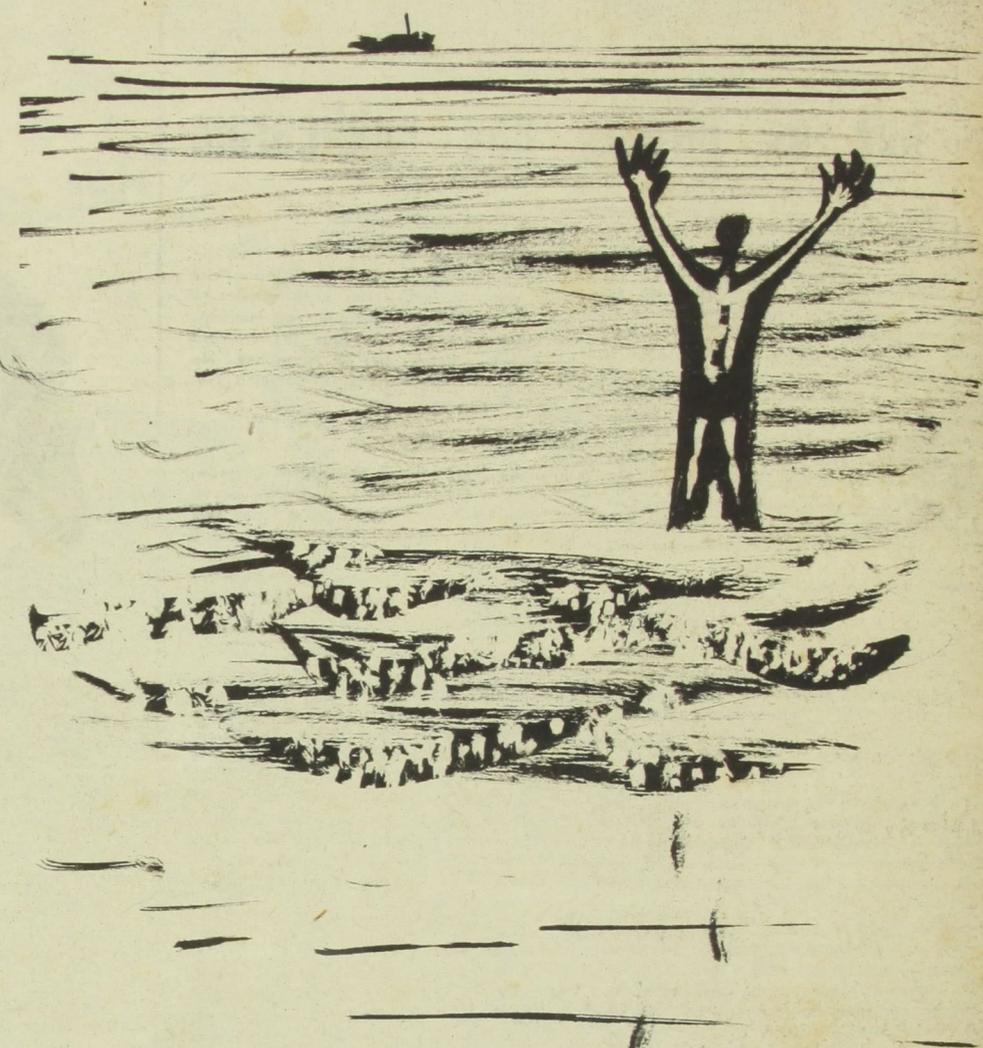
Quando se levantou e começou a andar pela praia, teve a impressão de que, sob um guarda sol colorido, estava um casal conhecido. Passou longe; não queria encontrar ninguém, tinha um certo pudor de seu corpo assim branco, pesado, sem graça. Foi andando e sentindo prazer em andar ao sol, em encher os pulmões de vento do mar. Num trecho de praia deserto teve vontade de fazer ginástica; mas se deixou ir andando a chapinhar, como um menino, pela água cheia de espumas.

Foi quando parou, e ficou olhando as espumas, enquanto a marola se retirava, levando um pouco de areia sob os seus pés, e sentiu uma leve tontura, e teve consciência de como se afastara do mar, de como se fizera estranho ao mar, de como se esquecera do mar, como quem se esquece de um grande amigo ou de um grande cão querido, de uma pátria idolatrada, de uma mulher amada. Foi avançando devagar; recebeu no peito, depois na cara, os primeiros borrifos de espuma e, como sentisse frio, deu mais alguns passos depressa, para poder mergulhar. Teve prazer em beber um pou-

co de água salgada, depois em receber no corpo uma lambada de onda mais forte. Avançou ainda, passou a arrebentação, começou a nadar para fora; depois se voltou de costas, ficou boiando. Olhava duas nuvens brancas no céu muito azul. Era como se fossem as mesmas nuvens de vinte anos atrás, de trinta anos atrás, no mesmo céu da infância — e tudo o que tinha acontecido depois fora escuro e sem sentido, os homens com quem lidara, as mulheres que amara, e as brigas e tristezas — tudo era remoto e absurdo como um pedalelo em um túnel. As nuvens se moviam devagar.

Sentiu que seu corpo ia afundando, moveu levemente os pés, sentia o sol quente na cara molhada.

Quando começou a nadar para voltar à terra, percebeu que uma corrente o puxava para fora, com uma força invencível, e que os músculos de seus braços doíam de fadiga. Debateu-se ainda, algum tempo, com uma súbita raiva de animal que não quer morrer, e a água abafou o seu grito rouco. Pensou confusamente que deixara as três mexericas na praia, e o telefone tocando no apartamento. Longe, no horizonte, passava um vapor.



HOSPÍCIO

A POESIA É NECESSÁRIA

Se deixares...

DE
JOÃO FRANCISCO
FERREIRA

Da segunda parte ("A Noite") do livro "Limite do Amargo", edições Hiperion, Porto Alegre, 1953. Não temos nenhuma informação sobre o autor: é um amigo de Paulo Hecker Filho e, certamente, dos melhores valores da nova poesia no Sul. No livro o poema não tem título.

Se deixares na sala meu retrato
impões destino igual aos filhos.
E sei, sei talvez demais,
teu fim é conduzi-los adiante,
criá-los num outro sentido.
Por maior que seja teu afeto
devido à morte, meu sacrifício
para afastar de ti a desolação,
não deixes na sala meu retrato.
Não por ti, levas naufrágio igual;
Mas teus filhos, sempre frágeis?
Mortal é para eles minha presença.
Ave morta em duráveis escombros,
sou mais que erva ou carne seca
— e os filhos serão campânulas, som liberto.

GENTE DA CIDADE



Luiz Jatobá
Locutor

LUIZ Trismegisto JATOBÁ ("esse Trismegisto é coisa de minha avó, depois te explico, ou é melhor não falar nisso") nasceu a 3 de janeiro de 1916 em Maceió e tem sangue italiano, alemão, luso e provavelmente caboclo. Veio para o Rio aos 5 anos de idade e aos 7 foi para Valença, no Estado do Rio, onde fez o curso primário e o primeiro ano secundário em um colégio de padres, o "Valenciano S. José". O resto do ginásio fez no Pedro II, sendo "goal-keeper" do Externato no tempo em que o hoje técnico Aymoré Moreira era o guardião do Internato. Desde Valença é e continua a ser cada vez mais — Flamengo. Um dos torcedores mais nervosos e sofredores.

Praticou atletismo, chegando a conquistar, no Campeonato Colegial (em que foi campeão de futebol) um 2.º lugar nos 75 metros rasos, o 4.º em salto em altura, o 3.º em lançamento de peso, o 6.º em salto de distância, etc. Era bom aluno, exatamente o 2.º de sua turma, logo abaixo de Hélio Pena Beltrão que entretanto superava em algumas matérias.

Mal terminado o ginásio foi monitor de química, e entrou para a Faculdade de Medicina (1934). Estava no 3.º ano quando comprou o "Jornal do Brasil" para ver anúncios de quarto, e ficou sabendo de um concurso para locutor da Rádio Jornal do Brasil, ainda não inaugurada. Inscreveu-se, e embora houvesse outros concorrentes chamados Aurélio de Andrade, Zoláquio Diniz e Carlos Frias, tirou o 1.º lugar. ("Quando vi o anúncio me lembrei de que amigos e amigas às vezes diziam que eu tinha uma voz muito bonita no telefone"). Sua prova foi feita com aquele soneto em que há um lenço "pano, enfunado, côncavo de beijos" e lhe valeu imediatamente um emprego com o então belo ordenado de 500 mil réis.

Formou-se assim, trabalhando, e foi fazer cirurgia ortopédica no Hospital Jesus. A essa altura veio ao Brasil um sr. William Paley, que estava encarregado de fazer para a Columbia Broadcasting System um programa de ondas curtas para nosso país. O sr. Paley perguntou a Ilka Labarthe qual o melhor espiquer brasileiro e ela se lembrou do rapaz que em 1938 trabalhara na "Hora do Brasil", embora reagindo muito contra a ambiência nazista.

Jatobá topou e embarcou para New York onde assumiu o lugar da CBS e se matriculou em dois cursos de ortopedia, sendo colega em um deles do dr. Lutero Vargas. Mas o trabalho intenso em rádio e cinema iria abafar o médico: Jatobá era locutor de jornais e "shorts" da Metro, chegando a ganhar 350 dólares por filme; foi através do cinema que sua voz ficou popular no Brasil. Durante a guerra foi (depois de uma entrevista de 3 dias com os "tiras" da F.B.I.) contratado para gravar filmes para treinamento das forças armadas brasileiras que então se adaptavam aos métodos americanos. Gravou cerca de 1.200 metros de filme por dia durante 5 anos consecutivos, incluindo muito "high top secret". Ganhou e gastou muito dinheiro e chegou a comprar uma casa em New York. Fez também dublagem de filmes da Metro para o espanhol, o que o obrigou, por exemplo, a ver "... E o Vento levou" 18 vezes. Aceitou pequenos papéis em rádio teatro na NBC e na CBS, especializando-se em tipo de latino-americano com sotaque.

Grande emoção: a visita que fez a Roosevelt, com outros correspondentes, quando o Brasil entrou na guerra. Ao apertar a sua mão, sorridente, Roosevelt disse: "Brazil, country of the present". Suas melhores impressões dos Estados Unidos: o teatro, feito com alta dignidade, e a honestidade do americano médio. A menos boa: a evolução do espírito americano depois da guerra para a suspeita e o medo.

A certa altura da guerra foi a Londres, com uma turma do "Herald Tribune", e embora só ficasse lá 4 dias teve a experiência de ser arremessado contra uma parede pelo explosão de uma bomba alemã V-2, quando conversava em casa de um amigo. Susto enorme, ferimento nenhum.

Em 1950 vem passar o Carnaval no Brasil, não resistindo a um chamado de Edu, e é convidado para diretor de programas da Televisão Tupi, em formação. Topa: vai aos E. Unidos liquidar seus negócios em dois meses, e volta. A verba era ridícula, 10 contos por mês para todos os programas, mas, ao lado de Antônio Maria ele deu duro durante dois anos na Televisão e na Rádio Tupi, até que eles e mais Haroldo Barbosa, Nancy Wanderley, etc. resolveram (1952) sair para a Mayrink. (Fato histórico: Jatobá foi a primeira cara a ser televisada no Rio).

Não quer mais postos de direção, prefere ler coisas dos outros, o que faz diariamente. Tem um apartamento em Copacabana e uma casa em Itaipava; seu esporte hoje é o goif (no Itanhangá) sendo considerado por Mário Gonzalez um dos piores jogadores brasileiros de todos os tempos. E um homem desconfiado e nervoso, não raro briguento, em outras horas profusamente cordial. Casou-se mais de uma vez, tem uma filha de 15 anos, um filho de 12, outro de 4 e agora uma garotinha de 7 meses. De alguns meses para cá deu-lhe na telha estudar... Medicina. Comprou pilhas de livros, relê tudo o que estudou, freqüente hospital como um rapaz aplicado, voltará a ser médico, espera ele com a maior humildade estudantil.

Tem gravado filmes de propaganda para Jean Manzon e considera esses dos melhores documentários já feitos no mundo. Bebe serenamente uisque.

Soirée

IBRAHIM SUED



Senhora Sérgio Correia do Lago, née Deá Cardim, está no Rio, em visita à família.



O governador e sra. Ernani do Amaral Peixoto e o sr. Eric Johnston, em uma recepção.



Em Cosme Velho, o sr. e sra. Ricardo Marinho, durante um "souper".



A bonita sra. Jorge Eduardo Guinle, da sociedade carioca.

● **UM ACONTECIMENTO** extremamente concorrido e elegante, a recepção que o embaixador alemão e sra. Oellers ofereceram em honra do Ministro da Economia Alemã e sra. Ludwig Erhard. Como na velha Alemanha, um sarau artístico antecedeu o gostoso "souper", regado a champagne. Ministros de Estado, homens de indústrias, embaixadores e banqueiros se reuniram nessa noite. Enquanto todos opinavam que o Professor Erhard (até o Ministro Aranha) é um "crânio" em matéria econômica, um amigo me segredava: — o Brasil poderia contratar o Professor para dar um jeito nas nossas finanças. Membros categorizados da colônia alemã, como as sras. Sigmund Weiss e Heinrich Kuenning (recém-chegada da Europa, onde deixou o filho estudando) estavam presentes. A bonita sra. Edmundo Macedo Soares, com um lindo colar e um vestido azul. As sras. Marquesa de Belmont (Née Teresa Muniz) e Edmundo Barbosa da Silva estavam elegantíssima. Em um grupo simpático, as sras. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Gilda Sampaio, Eva Monteiro de Carvalho e Nininha Leitão da Cunha. A sempre simpática sra. Elmano Cardim com sua palestra agradável e inteligente. As sras. Inácio Nogueira e Austregésilo de Athaide estavam muito bem vestidas. Um brotinho também fez muito sucesso com sua beleza e elegância. Parecia uma Princesa da Primavera. Foi a filha do casal Fritz.

● **VOU BOTAR MINHA** gravata prateada no dia 17 de Maio para assistir ao casamento da senhorita He-loisa Boavista com o sr. Germano Machado. Vai ser um acontecimento. O sr. Milor Fernandes também brilhou no Rio com sua peça teatral. Casa sempre cheia. A senhorita Danuza Leão desapareceu do "Café Society". Está tranqüila. Vida burguesa completa. O ex-manequin de Fath esclarece aos amigos que seu casamento será para breve. Dois meses no máximo. Ele é o sr. Samuel Wainer. Na semana santa, em Cabo Frio, o ex-crack do América sr. Paulo Ribeiro reviveu seus tempos de futebol, na "pelada" da praia do Cabo. O Ministro Miguel Couto Filho recebeu os amigos na sua residência como no ano passado. Funcionou perfeitamente.

● **ACABO DE SABER** que o casal Paulo Andrade Lima divorciou-se. Ela, Tilde Toledo Lara, continuará residindo em São Paulo. Ele veio para o Rio. Entretanto, manterá um apartamento na capital paulista. O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro mais uma vez funcionou: Exposição Kokoschka. A sra. Niomar Muniz Sodré, como sempre, presente. Está no Rio a sra. Andres Boulton (née Teresa Figueira de Melo), que reside em Caracas. Tive o prazer de conversar com a senhora em questão, num recente jantar de que participei. "Papo" agradável e sobretudo inteligente. Veio ao Rio rever amigos e parentes. Em sua bagagem 15 malas, vestidos de Dior, Balain e tudo.

● **DE NEW YORK**, sou informado que a sra. Ideala Braga não se casou, apesar dos boatos aqui no Rio. De Paris recebo notícia de que o casamento da sra. Nora Martins com o sr. Silvério Cégliá será realizado ainda este mês. O embaixador e sra. Carlos Martins Pereira de Souza assistirão à cerimônia.

● **ESTOU SEGURAMENTE** informado que uma figura da sociedade carioca está patrocinando a vinda ao Brasil do Duque de Windsor e sua elegante mulher. Por enquanto está em segrêdo. O sr. e sra. Frânzio Salles receberam a visita da cegonha. O vovô Galilez estourou várias champanhotas. O sr. Jaime Castro Barbosa começou sua temporada de inverno. Gravata e roupa escura, impecável. Foi muito bem recebida a designação do Ministro Mauro de Freitas para cônsul geral do Brasil em Paris. A sra. Lígia de Freitas vai ser uma consulesa e tanto. Vamos ter gente amiga e prestativa quando formos a Paris.

● **FLAGRANTES** do Hipódromo: O novo acadêmico Luís Viana conversa com o sr. José Francisco Barbosa. O sr. Ubirajara Índio da Costa, com sua elegância, ouve explicações "catedráticas" do sr. Raymundo Ramagem Soares, que nunca acerta. O médico José Lauro, como sempre no seu cantinho, no alto da escadaria, junto à tribuna. O sr. Francisco Eduardo de Paula Machado (um dos dez melhores partidos do Rio) caminha pela "Pelouse", enquanto os brotinhos o acompanham com olhares. A sra. Muniz Viana está muito elegante com um "tailleur" azul. O charuto e a belgala do general Flôres da Cunha estão presentes. O sr. Gilberto Rocha Faria (um dos dez melhores partidos do Rio), como sempre de branco, preocupado com as carreiras.

● **DEVO INFORMAR** que durante cinco dias, o sr. Tony Mayrink Veiga foi visto em companhia de Ava Gardner na Cidade Luz... Ela seguiu para Roma e ele para Liège...